



Data: 06.11.2019

Título: Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;10;11



Parlamento Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Política, 10/11

Área: 1024cm² / 36%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6648970



Data: 06.11.2019

Título: Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;10;11

Dos 230 deputados eleitos há um mês, 28 já não estão no Parlamento

Governo foi o destino de todos os socialistas que saíram. Em oito distritos saíram os cabeças de lista e noutros mudou metade ou mais dos eleitos. Além do PS, só o PCP fez uma substituição

Assembleia da República Maria Lopes

Há precisamente um mês, os portugueses elegeram 230 deputados para a Assembleia da República (AR), mas hoje, quando se iniciam os trabalhos regulares do plenário – sem contar com as sessões mais especiais da posse, no dia 25, e as da discussão do programa do Governo, na passada semana –, já há 28 caras diferentes das eleitas nas bancadas do hemiciclo. Uma parte dos eleitos nunca foi ao Parlamento e outros foram apenas no primeiro dia, a véspera da posse do executivo.

A culpa é de António Costa, que integrou nas listas de candidatos a deputados do PS por diversos distritos membros do seu primeiro Governo quando os tencionava voltar a ter neste segundo – começando por si próprio, que foi cabeça de lista em Lisboa. Entre ministros e secretários de Estado repetentes e novos eleitos como deputados mas que hoje já não estão na AR contam-se 27 pessoas.

Isso motivou alterações em 14 dos 22 círculos eleitorais, e o que teve mais alterações foi o de Lisboa – pelo qual o PS elegeu 20 deputados e já mudou oito. Além de Costa, saíram da bancada os ministros Mariana Vieira da Silva, Mário Centeno, Graça Fonseca e João Gomes Cravinho e as secretárias de Estado Susana Amador, Fátima Fonseca e Ana Sofia Antunes.

Mas percentualmente Lisboa nem é o distrito mais afectado. Em Faro, dos cinco eleitos há um mês, os três

do topo da lista saíram para cargos de secretários de Estado – Jamila Madeira, José Apolinário e Jorge Botelho. Em Santarém, foi metade – Alexandra Leitão (número um) e Maria do Céu Albuquerque (terceira), respectivamente para ministras da Modernização do Estado e da Administração Pública e da Agricultura. Em Setúbal, o corte foi de um terço dos eleitos originais: Eduardo Cabrita (número dois da lista), João Galamba (quarto) e Ricardo Mourinho Félix (quinto) mantêm o seu lugar no executivo.

A estas mexidas, somam-se outras de cabeças de lista por vários distritos que não cumprem o mandato de deputados porque estão agora no cargo de ministros. São os casos de Pedro Nuno Santos (Aveiro), Marta Temido (Coimbra), Ana Mendes Godinho (Guarda), Tiago Brandão Rodrigues (Viana do Castelo) e Augusto Santos Silva (Fora da Europa).

O politólogo do Instituto de Ciências Sociais, António Costa Pinto, admite que esta é uma manobra comum em Portugal. “Há ministros e secretários de Estado que são colocados em círculos eleitorais que conhecem e onde são conhecidos, como é o caso de Pedro Nuno Santos, Santos Silva e Jamila Madeira, para maximizar resultados eleitorais.” Por outro lado, os nomes de governantes que chegaram ao Governo como independentes, como é o caso de Mário Centeno, são colocados na lista de um

grande círculo eleitoral “onde não existe uma dimensão localista”, como é o caso de Lisboa.

Questionado sobre se os eleitores não se poderão sentir defraudados nas suas expectativas, o politólogo admite que possam não perceber estas movimentações mas realça que os portugueses “votam mais em partidos do que em pessoas” e são os partidos que decidem quem vai ou não para deputado e por onde. Na maior parte das situações, “a ligação entre o deputado e o seu círculo eleitoral é pequena”. Daí que António Costa Pinto considere que uma revisão do sistema eleitoral que permitisse que em cada círculo se passasse a votar paralelamente no partido e em deputados aproximaria o eleitor dos deputados que escolhesse.

Além dos 27 que deixaram o Parlamento, houve cinco socialistas que estiveram no Governo até dia 26 (data da tomada de posse do novo executivo) e que tinham sido substituídos apenas no primeiro dia da AR por outros candidatos. Como não integram o novo executivo, ocuparam o seu lugar de deputados na quarta-feira, primeiro dia do debate do programa do Governo. São os casos dos ex-ministros do Mar, Ana Paula Vitorino, e da Agricultura, Luís Capoulas Santos, e dos ex-secretários de Estado José Luís Carneiro (Comunidades), Isabel Oneto (Administração Interna), e João Ataíde das Neves (Ambiente).

Além do PS, só o PCP substituiu um deputado pelo nome seguinte na lista, que não fora eleito: Francisco Lopes, que foi o número um da coligação CDU por Setúbal, deu o lugar a Bruno Dias. Este assume há muito dossiers estratégicos, como os transportes e a mobilidade, e Francisco Lopes tem estado mais envolvido nos processos de negociação entre o PCP e o Governo.

maria.lopes@publico.pt

Área: 1024cm² / 36%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649970



Data: 06.11.2019

Titulo: Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Destaque

Pág: 1;10;11



“Irei manter todas as minhas funções”, diz Joacine Katar Moreira

A deputada única do Livre, Joacine Katar Moreira, assegurou ontem que vai manter-se como deputada e que “a mensagem irá ser compreendida”, apesar das apreciações negativas às suas primeiras prestações no Parlamento devido à gaguez.

“Irei manter, naturalmente, todas as minhas funções, participar na Assembleia da República, da maneira que eu necessito. Independentemente

de gaguejar ou não, a mensagem irá ser uma mensagem compreendida”, salientou, em declarações à Lusa, após a primeira semana em São Bento.

“É óbvio, que ninguém pode exigir que eu, de repente, passe a explicar-me com objectividade para satisfazer o incómodo que origino a alguns. (...) Não podem exigir que eu deixe de gaguejar de uma hora para outra com o objectivo de acalmar os espíritos mais revoltosos e que têm imensa dificuldade em

relacionar-se com igualdade”, afirmou. “Obviamente que (...) todas as pessoas que, na altura, resolveram votar no meu partido sabiam exactamente que, caso eu fosse eleita, eu era uma mulher e gaguejaria. Acho de uma ironia enorme perguntarem-me hoje se faço intenção ou não de manter as minhas intervenções na Assembleia da República pelo facto de eu gaguejar”, disse

Área: 1024cm² / 36%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6648970



Data: 06.11.2019

Titulo: Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário



Secção: Destaque

Pág: 1;10;11



ainda Joacine Moreira.

Os primeiros dias de Joacine Katar Moreira no Parlamento tem sido ocupados a elaborar o primeiro projecto de lei do Livre, que visa dar honras de Panteão Nacional ao antigo cônsul português em Bordéus Aristides de Sousa Mendes.

PÚBLICO/Lusa



Quão surdo quer João Miguel Tavares continuar a ser?



Opinião Isabel A. Ferreira Gould

João Miguel Tavares (J.M.T.) tem amplo espaço/tempo de crítica no PÚBLICO e é a partir desse espaço privilegiado que J.M.T. tece o seu ataque à gaguez da deputada Joacine Katar Moreira (J.K.M.). É um alvo fácil para J.M.T., que mais não faz do que projetar, em modo ventríloquo, desconforto, desconfiança, discriminação.

Há falhas no argumento de J.M.T.

A asserção de J.M.T. “Não há democracia sem debate”, ou seja, sem fala, sem discurso, é correta, mas não se aplica ao caso da deputada J.K.M., que está munida de todas as ferramentas para discursar no Parlamento e fora dele. As suas ferramentas têm uma sonoridade outra, que certamente causará desconforto a muitos ouvidos, mas J.K.M. não carece de ferramentas.

Convém lembrar que não há democracia sem escuta. Escutar é um exercício de cidadania e participação. A escuta ocupa tempo e espaço e é uma expressão de cidadania. J.M.T. centra a sua crítica na fala e na fluência discursiva de J.K.M. É urgente que pensemos na

fluência dos ouvidos de quem nos representa no Parlamento e no espaço público português. Como Andrew Dobson defende em *Listening for Democracy*, “listening is an expression of power, being heard is a conferring of power” [“escutar é uma expressão de poder, ser escutado é uma concessão de poder”, p.22].

A recusa da escuta porque J.K.M. “não tem um mínimo de fluência discursiva”, segundo as palavras de J.M.T., é uma forma de negar o poder de J.K.M. É um argumento desonesto e paternalista. Como define J.M.T. “um mínimo de fluência discursiva”? Tem J.M.T. conhecimento e autoridade para definir a fluência discursiva de J.K.M.?

Outra expressão do paternalismo de J.M.T. é quando este afirma que J.K.M. sofre “horrores com aquela exposição.” Seria bom que J.M.T. elucidasse sobre o seu conhecimento íntimo dos dramas existenciais da deputada J.K.M.

Sobre o corpo de J.K.M. ser uma “urna de desvantagens”, segundo as palavras de J.M.T.: há toda uma genealogia de representações que denigre mulheres e homens africanos e afrodescendentes e que busca o seu silenciamento e invisibilidade. Não há aqui nada de novo. J.M.T. perpetua todo esse paradigma de representações e estereótipos.

J.K.M. não é apenas um corpo e o seu corpo não é um conjunto de

O PS optou por incluir nas listas de candidatas muitos dos membros do anterior executivo que se mantêm no novo Governo

Área: 1024cm² / 36%

Tiragem: 72.253

FOTO: 4 Cores

ID: 6648970



Data: 06.11.2019

Titulo: Um mês depois, 28 deputados já foram substituídos

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;10;11



desvantagens. Ela é “urna” de esperança e promessa numa sociedade que se pode imaginar e assumir plural.

Vai ser necessário toda uma aprendizagem de escuta que requer outros ouvidos e um outro tempo de escuta. Tempo de escuta e tempo de fala que nos permita concentrar na mensagem e no conteúdo. Recusar a escuta da palavra de Joacine Katar Moreira só mostra quão surdos são os ouvidos daqueles que insistem em olhar para o lado do seu desconforto pessoal.

Há que ter um posicionamento ético antes de se reivindicar um posicionamento político. Abrir os ouvidos, abrir-se à escuta, é um posicionamento ético. Quão surdo quer João Miguel Tavares continuar a ser?

Investigadora, EUA

Área: 1024cm² / 36%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6648970